

UMA NOVA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA, QUEM SABE NÃO TÃO NOVA

“...estamos dentro da natureza e somos parte dela. Ela pode viver sem nós como o fez por bilhões de anos. Nós não podemos viver sem ela. Portanto, o social sem o ambiental é irreal. Ambos vêm sempre juntos”.

(Leonardo Boff)

Tarcisio Miguel Teixeira²

TEIXEIRA, T. M. Uma nova perspectiva da ecologia, quem sabe não tão nova. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 13, n. 1, p. 15-23, jan./jun. 2013.

RESUMO: A alienação capitalista nos apresenta a exploração atual da natureza como um presente que estamos proporcionando às gerações futuras. Para os líderes do processo atual, tudo que se altera e destrói é “essencial” para a sobrevivência dos nossos descendentes. Os confortos tecnológicos e o sistema de mídia são planejados para que a sociedade acredite que realmente está fazendo o melhor para o futuro. Entretanto, este artigo apresenta uma forma diferente de vermos a natureza e o verdadeiro papel da Educação Ambiental, que desobstrui nossos olhos e podemos optar por outra relação entre o homem e natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação da natureza; Exploração ambiental; Educação ambiental.

A NEW ECOLOGY PERSPECTIVE, WHO KNOWS NOT TO NEW

ABSTRACT: The capitalism alienation shows us the present nature exploration like a gift we are providing for the future generations. For the leaders of present process, everything that is altered and destroyed is “essential” for our descendent survival. The technological comforts and the media system are planned for that the society believes that it is really doing the best for the future. However, this article presents a different

²Agrônomo, Biólogo, Filósofo, Mestre em Agronomia, acadêmico de Direito, Aluno do curso para Doutorado em Direito Constitucional, Professor efetivo IFPR campus Umuarama. E-mail: tarcisio.teixeira@ifpr.edu.br

form of seeing the nature and the true Environmental Education role, which clears our eyes and we can opt for other relation between man and nature.

KEYWORDS: Nature alienation; Environmental exploration; Environmental education.

UNA NUEVA PERSPECTIVA DE LA ECOLOGÍA, QUIÉN SABE NO TAN NUEVA

RESUMEN: La alienación capitalista nos presenta la exploración actual de la naturaleza como un regalo que estamos proporcionando a las generaciones futuras. Para los líderes del proceso actual, todo lo que se altera y destruye es “esencial” para la supervivencia de nuestros descendientes. Las comodidades tecnológicas y el sistema de los medios de comunicación son planeados para que la sociedad crea que realmente está haciendo lo mejor para el futuro. Sin embargo, este artículo presenta una forma diferente de si ver la naturaleza y el verdadero papel de la Educación Ambiental, que desobstruye nuestros ojos y podemos optar por otra relación entre el hombre y la naturaleza.

PALABRAS CLAVE: Alienación de la naturaleza; Exploración ambiental; Educación ambiental.

REDESCOBRIR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Todos que tenham uma mínima proximidade com os estudos ambientais e ecológicos concordam que devemos nos preocupar com a situação em que o planeta se encontra, especificamente pela ação do homem devido às necessidades de seu desenvolvimento econômico.

Os livros didáticos para crianças, adolescentes e jovens, ainda o material técnico da maior envergadura científica que abordam o assunto ecologia, todos enfim, trazem esta mensagem: precisamos cuidar da natureza, a ação humana está promovendo tantas alterações que o planeta não mais suportará e entrará em um colapso.

Todavía, apesar de todos estes avisos e clamores de ecólogos e educadores, o destino de nossa nave continua o mesmo. Estamos ruman-do para uma colisão irreversível, o fim dos ecossistemas e consequentemente o próprio término da história da humanidade.

Perguntamo-nos: se é a nossa própria espécie que está ameaçada, por que não paramos imediatamente?

Parece uma verdadeira loucura, estamos todos sofrendo de uma psicopatia e rumamos para um suicídio coletivo. Sabendo que as ações humanas sobre a natureza estão nos conduzindo para um sinistro fim e mesmo assim não conseguimos parar.

A resposta para esta aparente loucura chama-se alienação. Quando fazemos uso do termo alienação, quase que imediatamente, nos vem à mente o conceito desenvolvido a partir da teoria marxista. Neste caso relativo à alienação vinculada entre o operário e seu trabalho (SANTOS, 1982). Não pretendemos abandonar esta abordagem marxista, pois estaremos transitando pela ideologia capitalista ao tratarmos de como a humanidade tem visto a natureza, mas também não queremos restringir o conceito de alienação². Utilizaremos do mais amplo conceito de alienação, aquela condição social e psicológica em que o indivíduo encontra-se sem domínio de sua individualidade e consciência. O sujeito privado de saber e pensar por si mesmo, uma construção social de tal forma que o indivíduo não consegue discernir o conteúdo e os efeitos que suas ações podem promover no seu meio ambiente físico e social (MORA, 1978, p. 10; CODO, 1985; DUARTE, 2004).

A alienação para com a natureza é articulada de tal forma que o homem passa a se ver como algo fora da natureza. A sua atividade biológica, socioeconômica e espiritual são de uma essência absolutamente distinta da natureza “comum”³.

A reprodução e alimentação humanas e, conseqüentemente, as atividades econômicas que mantêm as primeiras possuem um status de primazia sobre os mesmos fenômenos biológicos dos demais componentes vivos do planeta terra. Manter o ser humano (da forma que a sociedade capitalista quer) é argumento o suficiente para desmontar e alterar totalmente a estrutura natural (lembrando que ela veio antes do ser humano).

Com o resultado deste trabalho das forças alienantes fica muito fácil apresentar à sociedade um sistema de desenvolvimento econômico que destruirá todo o planeta e nenhum movimento contrário de vulto significativo ocorrerá. As pessoas acreditarão que é normal o processo

²Tomando o devido cuidado de salientar que a alienação em Marx não é um conceito restrito, ao contrário, sua confecção e ramificação percorreu estágios da vida do pensador.

³Entendam natureza comum como tudo que não se refere ao homem.

destrutivo e isto não alterará em nada nossas vidas, pois somos seres em separado do mundo físico. A natureza é unicamente para nos servir e da forma que nos aprouver, sem nenhuma necessidade de haver uma contrapartida da humanidade.

O máximo que pode ocorrer nesta situação de alienação é o surgimento de um sentimento de piedade para com a natureza. Nós seres humanos “extra-natureza” podemos em nossa “bondade ímpar” prover o salvamento da natureza. Bastando para isto implementarmos alguns projetos do chamado “desenvolvimento sustentável”⁴.

Também não podemos esquecer que vivemos um momento de supervalorização do indivíduo e da prerrogativa da realização dos interesses de cada um. Todo projeto que visa salvar a natureza é muito bem vindo, desde que não comprometa a satisfação de meus desejos individuais.

Outra face desta alienação refere-se à própria participação do indivíduo nos “frutos do capitalismo”. A nova versão do capitalismo com a participação do estado regulador e com uma maior divisão (aparente) dos lucros criou a alienação pelo sistema includente-excludente (TOYODA, 2010, p. 351).

Includente porque o indivíduo passa a ter acesso a maiores volumes de bens e serviços do sistema. É claro que a participação nestes bens e lucros implica na sua adequação às exigências de sistema. Por exemplo, mulheres trabalhando tempo integral e não tendo tempo para seus filhos. Uma exigência de preparo e dedicação ao trabalho que coopta todas as suas energias para a atividade laboral, simplesmente eliminando os outros aspectos da vida de um ser humano. Não há mais espaço para o homem que descansa, que lê poesia, que acompanha a política ou mesmo para o homem encontrar-se consigo mesmo e com o divino. Até mesmo o entretenimento está dentro deste pacote fornecido pelo sistema e o homem deve adequar seu tempo, sua família e sua cultura para desfrutar das atividades oferecidas.

Excludente porque uma vez dentro desta engrenagem ou “máquina” o homem passa a exercer uma parcela da tarefa total da produção capitalista. A aplicação desta racionalidade capitalista promove uma for-

⁴Reforçando que a nossa opinião técnica não é contrária ao desenvolvimento sustentável, aliás ele é, provavelmente, a nossa saída. Porém, ele tem sido apresentado como uma espécie de salvador da pátria, digo do mundo, o homem a qualquer momento aplicará a “tecnologia correta” e tudo estará resolvido.

ma de obter resultados financeiros, assegurar a continuidade do sistema e segmentar o poder da produção. O cidadão “comum” está inserido porque recebe um salário e pode usufruir de certas regalias⁵ que o sistema lhe proporciona. Por outro lado, está excluído porque sua vida e sua produção ocorrem nas periferias da “máquina” e, dificilmente, participará das decisões realmente grandes.

Resumindo, o homem consumidor recebe alguns “luxos”, mas em compensação está excluído do círculo imediato de poder.

Esta posição é confortável à maioria das pessoas. Imagina-se um indivíduo de sucesso profissional e financeiro, construtor do desenvolvimento do país, gerador de outros empregos e ainda pode participar de campanhas para salvar o planeta. Porém, não percebemos que estamos alienados às decisões realmente marcantes. Temos uma significância medíocre no processo de preservação do mundo.

Qual seria uma forma de combater esta alienação que facilita tanto a vida dos exploradores inescrupulosos do planeta?

Existem algumas opções, apresentamos uma que atua de forma pacífica e com eficiência comprovada: A Educação Ambiental.

Sim, a boa e velha Educação. Esta mesma que serve de ferramenta para criar o sistema de inclusão-exclusão do “novíssimo” sistema capitalista, também pode ser uma “pedra no sapato” dos pretensos dominadores econômicos do planeta.

Não estamos falando de uma Educação Ambiental patrocinada por componentes do sistema que visam somente criar uma atmosfera de falso-interesse pela preservação da natureza. Queremos sim, tratar aqui de um processo educacional que confronte a alienação tratada anteriormente e ajude a humanidade a se posicionar em busca de um comportamento que realmente possa respeitar as limitações do planeta onde vivemos.

Em nossos trabalhos do curso de Educação Ambiental optamos por apresentar aos educadores que ministrariam o curso e para os participantes a proposta idealizada pelo teólogo e filósofo Leonardo Boff. A nossa opção justifica-se por entendermos ser esta uma proposta que respeita a natureza em sua totalidade e não omite o homem de suas reais responsabilidades para com a preservação do planeta.

⁵Regalias que se tornam vantajosas quando o país passa a ter importância estratégica no cenário da economia mundial.

O professor Boff apresenta a ecologia como uma ciência com quatro dimensões: a Ecologia Ambiental, Social, Mental e Integral (BOFF, 2013).

A primeira é justamente aquela utilizada pelo sistema atual. Preocupa-se com as técnicas de preservação, mas ainda vê o homem e a sociedade fora da natureza.

A Ecologia Social é aquela que quer o ambiente por inteiro. Insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza. Respeita o homem como o ser mais complexo e singular da natureza, mas não exclui os fenômenos sociais e o homem do meio ambiente.

Esta teoria ecológica preocupa-se com a sociedade e com suas manifestações como participantes da natureza. A injustiça social é vista como uma agressão ao homem e a natureza.

Outro aspecto importante de Ecologia Social é a sua preocupação com as gerações futuras e os seus direitos ao capital natural da Terra.

Esta Ecologia fundamenta filosoficamente a Economia Ecológica. Procuramos demonstrar a partir desta concepção que ao custo de produção dos bens econômicos deve ser acrescentado o que ficaremos devendo às gerações futuras quando gastamos os recursos exauríveis ou mesmo os renováveis acima da taxa natural de reposição dos mesmos. Também entram neste somatório todas as externalidades do processo produtivo e que atingirão os interesses das novas gerações.

A alienação capitalista nos apresenta a exploração atual da natureza como um presente que estamos proporcionando às gerações futuras. Para os líderes do processo atual, tudo que se altera e destrói é “essencial” para a sobrevivência dos nossos descendentes. Os confortos tecnológicos e o sistema de mídia são planejados para que a sociedade acredite que realmente está fazendo o melhor para o futuro.

Isto é um grande engodo. Exaurirmos os recursos naturais, poluirmos os rios, contaminarmos os lençóis freáticos e aquíferos, entupirmos as ruas de veículos é o grande “presente” que, “bondosamente”, deixaremos para nossos filhos e netos?

Estamos deixando um planeta inabitável para a maioria das espécies, inclusive a nossa. Continuando neste mesmo ritmo de ocupação e “desenvolvimento econômico” em poucas décadas atingiremos o insuportável.

O próprio professor Boff nos apresenta um exemplo sobre a China, o gigante em pleno desenvolvimento. Ele questiona: o que aconteceria neste país com todas as famílias tendo a mesma proporção de veículos que existem nos EUA?

Podemos estender este questionamento para o Brasil. É sensível a todos nós os problemas de trânsito das cidades grandes e médias do país. Calcados em uma promessa de que a venda de veículos estaria protegendo a nossa economia da crise mundial, simplesmente abarrotamos nossas ruas de veículos generosamente financiados e com descontos de impostos.

A estratégia de vendas ao “toque-de-caixa” e uma grande “mão-zinha” do governo tirou muita gente da crise, principalmente as montadoras. Porém, e agora o que fazemos com as cidades? Quem cobrirá as despesas para simplesmente refazermos a estrutura viária do meio urbano?

São estas externalidades geradas pelos interesses dos grupos econômicos que atingirão em cheio a qualidade de vida das gerações futuras e devemos desenvolver a nossa responsabilidade sobre estes atos.

Formando cidadãos críticos que tenham consciência das estratégias do sistema capitalista e das suas consequências para as nossas vidas e dos futuros moradores deste planeta. Pessoas que se encontrem dentro do ambiente por inteiro e não fora do meio ambiente.

Leonardo Boff apregoa que a humanidade precisa de uma Ecologia que direcione a sociedade para um verdadeiro desenvolvimento sustentável. Aquele que atenda ao homem, aos demais seres vivos, às águas, aos solos e à atmosfera⁶

Precisamos de um sistema ecológico que direcione as atividades humanas para a conscientização do que realmente somos: seres humanos totalmente pertencentes a esta natureza finita.

A mística de que a revolução técnico-científico-informacional sempre resolverá todos os problemas deve ser desfeita. Não podemos mais acreditar na mentira que o processo alienante nos mostra, que sempre seremos capazes de refuncionalizar⁷ a natureza para que se adéque às nossas pretensões.

⁶A atmosfera não tem sido tratada como um componente deste grande sistema que é a Terra. Precisamos resgatar este aspecto no nosso processo educacional.

⁷O termo refuncionalizar a natureza é utilizada pelo professor Carlos Alberto Franco da Silva da Universidade Federal Fluminense.

Quanto a Ecologia Mental, O professor Boff, salienta que temos em nossa constituição um arquétipo primitivo composto de violência e desejos de dominação. Este desejo de dominação e violência manifesta-se em nossa mente de forma que desenvolvemos uma verdadeira guerra com a Terra para submetê-la a nós.

Estamos nos colocando em uma posição extremamente perigosa, como Reis e Rainhas e tudo existe para o nosso bel-prazer e que a natureza só tem sentido quando ordenada ao ser humano.

Esta visão antropocêntrica nos impede de praticarmos a solidariedade cósmica e estamos destruindo o nosso veio de vida, a Terra.

O teólogo também salienta a importância de resgatarmos no ser humano o viés do feminino, aquela capacidade que podemos desenvolver como seres que gostam de cuidar daquilo a que pertencemos.

Também não podemos esquecer nos estudos da Ecologia Mental do resgate do sagrado em nossas vidas. É esta anteposição do homem violento e dominador ao Criador e Ordenador da natureza que impõe os limites à manipulação do mundo. A sociedade comporta-se como se estivesse em um ambiente totalmente livre em sem limitações, mas Deus nos posicionou em um sistema com “cercas” e a humanidade deve escolher estar dentro ou fora desta cerca. Atualmente, com este modelo de exploração ambiental, estamos do lado errado da cerca.

Leonardo Boff continua descrevendo na Ecologia Integral que o homem e o cosmo estão em uma perene gênese (formação contínua). Portanto, precisamos desenvolver uma paciência com o processo global, com os outros e para consigo, pois não estamos totalmente prontos.

Sobre este segmento da Ecologia ele conclui que formamos uma totalidade orgânica, dinâmica, diversa, tensa e harmônica, um cosmo e não um caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito em nosso título queremos apresentar uma nova ecologia. Esta que respeita o homem (todos eles) e também os outros componentes do planeta, que aceita a ideia da existência de algo maior do que a vida humana sobre a terra e que simultaneamente respeita as gerações futuras.

Queremos uma Educação Ambiental que permita ao homem estar no centro das decisões importantes e não como simples figurante, que os homens não sejam meras engrenagens, mas sim, juntamente com a natureza, sejam a própria força motriz do modelo de convivência que escolherem.

Porém uma Ecologia não tão nova, porque a nossa proposta do curso de Educação Ambiental não cria uma nova Ecologia, mas sim resgata algo que já esteve presente na nossa cultura, na verdade em nossa criação, a capacidade de cuidarmos de nosso maior presente, a vida.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **As quatro dimensões da ecologia**. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

CODO, W. **O que é alienação** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 104 p. (Coleção Primeiros Passos, 141).

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: O ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. Tradução António José Massano; Manuel Palmerim. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. 302 p.

SANTOS, L. G. dos. **Alienação e capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 95 p.

TOYODA, H. A apologia dos direitos humanos e a razão perversa do capitalismo: do sujeito de direitos à falácia das garantias. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba - PR, v. 1, n. 2, p. 333-366, jul./dez. 2010.

Recebido em / Received on / Recibido en 15/09/2013

Aceito em / Accepted on / Acepto en 28/02/2014